

Fernando Pessoa leitor de Theodor Nöldeke

Notas sobre a recepção do elemento arábico-islâmico em Pessoa

Fabrizio Boscaglia*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, biblioteca particular de Fernando Pessoa, Islão, António Mora, Theodor Nöldeke

Resumo

Os estudos sobre Fernando Pessoa concentram-se cada vez mais na análise do denso diálogo intertextual entre os documentos do espólio e da biblioteca particular do autor. Neste artigo é estudada em particular a relação entre alguns textos de Pessoa acerca da civilização arábico-islâmica e a leitura, por Pessoa, de um livro de Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* de 1892. São apresentadas notas de leitura sobre este livro, assim como as correspondências entre essas notas e textos pessoanos sobre sensacionismo e sobre neo-paganismo, datados por volta de 1916. É, deste modo, estudada a recepção do pensamento de Nöldeke na composição original de textos pessoanos sobre a civilização arábico-islâmica. São também apresentados e comentados outros documentos do espólio e da biblioteca particular de Fernando Pessoa, acerca do mesmo tema, e úteis na construção de um mapa intertextual que contribua para estudar a presença do elemento arábico-islâmico na obra e no pensamento de Pessoa.

Keywords

Fernando Pessoa, Fernando Pessoa's private library, Islam, António Mora, Theodor Nöldeke

Abstract

Studies on Fernando Pessoa tend increasingly to address the rich intertextual dialogue between the documents that comprise his estate and his private library. In this article particular attention is given to the connection between some of Pessoa's texts on the Arab-Islamic Civilization and a book by Theodore Nöldeke entitled *Sketches from Eastern History* (1892). Presented here are Pessoa's reading notes on that book, as well as the connection between those notes with Pessoa's texts on Sensacionism and Neo-Paganism, dated at around 1916. In this way, a study of the reception of Nöldeke's ideas in Fernando Pessoa's texts on Arab-Islamic Civilization is made. Other documents of the author's estate and private library on the same subject are also discussed, since they are useful in the creation of an intertextual index that can help to study the presence of Arab-Islamic elements in Pessoa's work and thought.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa – Centro de Filosofia.

O interesse de Fernando Pessoa pelas civilizações “orientais” é cada vez mais evidente ao longo da análise do diálogo intertextual entre os *documentos* guardados no espólio da Biblioteca Nacional de Portugal, e os *livros* que se encontram na Casa Fernando Pessoa,² pertencentes à biblioteca particular do autor (Pizarro, Ferrari e Cardiello, 2010: 148-185).

No que diz respeito à civilização arábico-islâmica, a atenção de Fernando Pessoa parece manifestar-se sobretudo na leitura e na produção de textos dedicados (1) à poesia árabe e persa, nomeadamente à de Omar Khayyām (Pessoa, 2008); (2) ao papel civilizacional dos “árabes” na península ibérica e na Europa;³ e (3) à ligação entre cultura arábico-islâmica e pensamento português, sobretudo em dois *ismos* pessoanos, o sensacionismo e o neo-paganismo (Pessoa, 2009: 222-229; Pessoa, 2002b: 151, 184-186; e Boscaglia, 2012).

Objectivo deste artigo é o de focar um *momento*, datável por volta de 1916, deste apaixonante diálogo intertextual, para apresentar um pequeno retrato de Pessoa enquanto *writing-reader* e *reading-writer*,⁴ durante a reflexão *plural* do poeta sobre a importância da cultura arábico-islâmica na constituição dos *ismos*. Pessoa, depois de 1915, terá entregado sobretudo a António Mora a tarefa de investigar e esclarecer a “emergência do espírito árabe” (BNP/E3, 88-24^v; Pessoa, 2009: 225) no sensacionismo e no neo-paganismo, tal como se evidencia a partir de textos

¹ Biblioteca Nacional de Portugal / Espólio 3 (BNP/E3), cota 88-24^r; cf. Pessoa, 2009: 225. Nas transcrições dos textos originais do espólio pessoano utilizam-se os mesmos símbolos utilizados na edição crítica do autor: □ espaço deixado em branco pelo autor, * leitura conjecturada, // lição duvidada pelo autor, † palavra ilegível, < > segmento autógrafo riscado, < / \ substituição por superposição, < [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior, [↑] acréscimo na entrelinha superior, [↓] acréscimo na entrelinha inferior, [→] acréscimo na margem direita, [←] acréscimo na margem esquerda, <†> riscado autógrafo ilegível.

² A biblioteca particular de Fernando Pessoa está digitalizada e catalogada por Pizarro, Ferrari e Cardiello e está em grande parte guardada na Casa Fernando Pessoa (CFP) de Lisboa. Na classificação dos volumes, o número que se segue à sigla CFP corresponde à entrada de um título na lista, e a sigla MN indica que o volume se encontra em posse de Manuela Nogueira Rosa Dias (Pizarro et al., 2010: 13-25; <http://casafernandopessoa.cm-lisboa.pt/bdigital/>).

³ Uma parte dos textos sobre este assunto encontram-se editados (cf. Pessoa, 1978; 1980; 1996) enquanto outros estão ainda inéditos. Veja-se a afirmação seguinte: “Nós, ibericos, somos o cruzamento de duas civilizações – a romana e a árabe” (BNP/E3, 97-14^r; Pessoa, 1980: 166).

⁴ Cf. “For the semantics of a given marginal note in Pessoa’s plural library (along with their cross-literary implications – be it a poem or an aesthetic appreciation, among others) depend, as we shall observe, on our contextualization of both the reader who (eventually) writes (the writing-reader) and the writer using the material read for the creation of a new text (the reading-writer)” (Ferrari, 2011: 25-26); cf. “the writing-reader (i.e., a writer who reads to eventually create) finally matures into the reading-writer (i.e., a writer using the material read for the creation of a new text)” (Ferrari, 2011: 36).

(Pessoa, 2009: 222-227) cuja atribuição ao *corpus* de Mora é considerada como a mais provável por Jerónimo Pizarro (in Pessoa, 2009: 221). Estes textos do filósofo neo-pagão tratam sobretudo três temas fundamentais: (1) o estudo do carácter dos povos “arabes”,⁵ carácter que Mora chama de “spirito arabe”, “arabismo” ou “elemento arabe”, sendo esta última opção utilizada para indicar uma componente filosófica, cultural e civilizacional que participa, junto a outras, dum movimento estético-filosófico ou duma civilização (Pessoa, 2009: 223-226); (2) o conjunto de características da civilização e da religião arábico-islâmica; e (3) o estudo da recepção do “spirito arabe” na construção do sensacionismo e do neo-paganismo.

Neste artigo vou concentrar-me sobretudo na reflexão de Pessoa sobre o segundo tema, ou seja, sobre as características que tipificam a civilização e a religião arábico-islâmica. Esta reflexão, como tentarei mostrar, foi acompanhada pela atenta leitura de um livro de Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History*, de 1892 (CFP, 9-54).⁶

O exemplar que se encontra na biblioteca particular de Fernando Pessoa sob o título *Sketches from Eastern History* é a tradução inglesa – feita por John Sutherland Black⁷ e revista pelo autor – de alguns artigos do orientalista⁸ alemão Theodor Nöldeke (1836-1930), investigador de referência nos estudos orientais no século XIX relativamente à história do Sagrado Alcorão.⁹ O livro, publicado pela

⁵ A palavra “carácter” é aqui utilizada para indicar o conjunto de qualidades distintivas dum povo e/ou duma civilização. No que diz respeito ao termo “árabe”, o arabista Enrico Galoppini (2008: 52-53) sustém que a única aplicação coerente desta palavra é a que se utiliza em relação a povos e grupos humanos que se exprimem em língua árabe na sua vida quotidiana.

⁶ Curiosamente este livro – que trata de história *Oriental* – foi publicado em 1892, o mesmo ano mencionado no texto “A Tortura pela escuridão”, assinado por Vicente Guedes e citado por Pizarro, Ferrari e Cardillo num artigo sobre Pessoa e o *Oriente*: “Cheguei á Índia em Janeiro de mil oitocentos e noventa e dois” (BNP/E3, 27²⁰S^{3-6v}; Pizarro et al., 2011: 148). No conjunto de documentos reunidos sob o título “A Tortura pela escuridão” também aparece a palavra de origem árabe “*Fakir*” (BNP/E3, 27²⁰ S^{3-4r}).

⁷ John Sutherland Black (1846-1923) foi autor e editor escocês. Publicou vários artigos sobre religião na *Encyclopædia Britannica* e foi biógrafo do orientalista escocês William Robertson Smith (cf. CFP, 2-63; CFP, 8-521).

⁸ Orientalista com reservas; cf. “Nöldeke could declare in 1887 that the sum total of his work as an Orientalist was to confirm his ‘low opinion’ of the Eastern peoples” (Said, 1979: 209). Sobre a conotação do conceito de “Orientalismo” na obra de Said, cf. “[Orientalism is] a way of coming to terms with the Orient that is based on the Orient’s special place in European Western Experience”; “My contention is that Orientalism is fundamentally a political doctrine willed over the Orient because the Orient was weaker than the West, which elided the Orient’s difference with its weakness. [...] As a cultural apparatus Orientalism is all aggression, activity, judgment, will-to-truth, and knowledge”; “My whole point about this system is not that it is a misrepresentation of some Oriental essence — in which I do not for a moment believe — but that it operates as representations usually do, for a purpose, according to a tendency, in a specific historical, intellectual, and even economic setting” (Said, 1979: 1; 204; 273).

⁹ Theodor Nöldeke, *Geschichte des Qorans*. Göttingen: Verlag der Dieterichschen Buchhandlung, 1860.

editora Adam and Charles Black, é uma recolha de artigos sobre questões históricas e religiosas relativas ao Médio Oriente e, nomeadamente, à civilização arábico-islâmica. Considerando apenas os sinais a lápis deixados por Pessoa no exemplar (sublinhados, apontamentos, traços laterais), parece que o poeta tivesse interesse principalmente nos seguintes artigos: “Some Characteristics of the Semitic Race”, “The Koran” e “Islam”.¹⁰

Sendo que em 1916 Pessoa, através de António Mora, estava a reflectir sobre a “emergencia do spirito arabe” no pensamento português, seria interessante obter algumas informações úteis para determinar se Pessoa leu Nöldeke pouco antes ou no mesmo período. Para tentar estimar uma datação da leitura de *Sketches from Eastern History*, pode ser útil estudarmos a assinatura de Pessoa que se encontra no seu exemplar do livro (ver Fig. 1).



Fig. 1. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892)

Pessoa, por volta de 4 de Setembro de 1916, decidiu mudar a sua assinatura, tirando dela o acento circunflexo por este prejudicar o seu nome “cosmopolitamente”.¹¹ Isto permite supor que os livros onde é claramente visível o acento circunflexo foram lidos antes dessa data (ver Fig. 2) e que os livros onde o acento não está presente foram lidos num período posterior (ver Fig. 3).

¹⁰ Pessoa foi um leitor muito activo, tal como o revelam as suas *marginalia*: cf. “For, like Friedrich Nietzsche, [...] Pessoa’s enquiring and prehensile mind approached reading creatively. But books were not only sources; their margins, title and contents pages, flyleaves and dustcovers served as the physical space where Pessoa both reflected upon and wrote literature. This reminds us of that active approach to reading cultivated by many a romantic; Samuel Taylor Coleridge, for instance – who coined the word *marginalia* for writings in the margins of books – was one of those voracious readers who read with pen-in-hand, and was certainly introduced to Pessoa in his formative Durban days” (Ferrari, 2011: 24).

¹¹ Pessoa escreveu na carta a Armando Côrtes-Rodrigues de 4 de Setembro de 1916: “vou fazer uma grande alteração na minha vida: vou tirar o acento circunflexo do meu apelido. [...] [V]ou publicar umas cousas em inglês, acho melhor desadaptar-me do inútil ^, que prejudica o nome cosmopolitamente” (Côrtes-Rodrigues, 1945: 79).

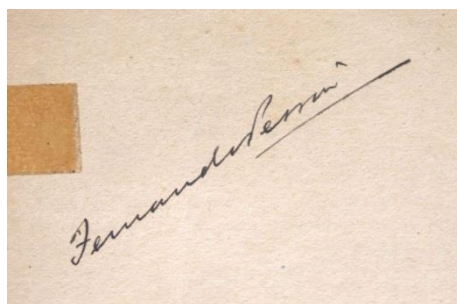


Fig. 2. CFP, 8-428

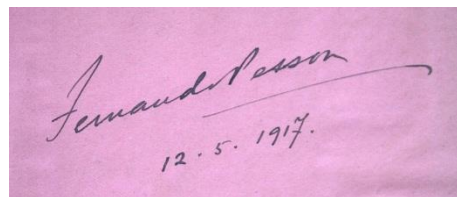
Georges Pellissier, *Shakespeare et la superstition shakespearienne* (1914)


Fig. 3. CFP, 1-48

Alfred Fouillée, *Esquisse psychologique des peuples européens* (1903)

Ora, na assinatura de Pessoa que se encontra no livro de Nöldeke (ver Fig. 1) o acento circunflexo existe ou não? A meu ver, não se pode dar uma resposta inequívoca, pois o eventual acento se “mimetiza” num sinuoso traço gráfico que se depreende quer desse acento, quer do “a” final. Uma assinatura semelhante encontra-se num livro de 1915 (ver Fig. 4), mas já não num livro de 1914 (ver Fig. 2), o que sugere que essa assinatura mas “ambigua” poderá ser de 1915-1916, embora faltem outros testemunhos para afinar esta conjectura.

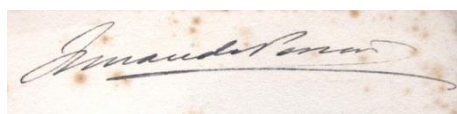
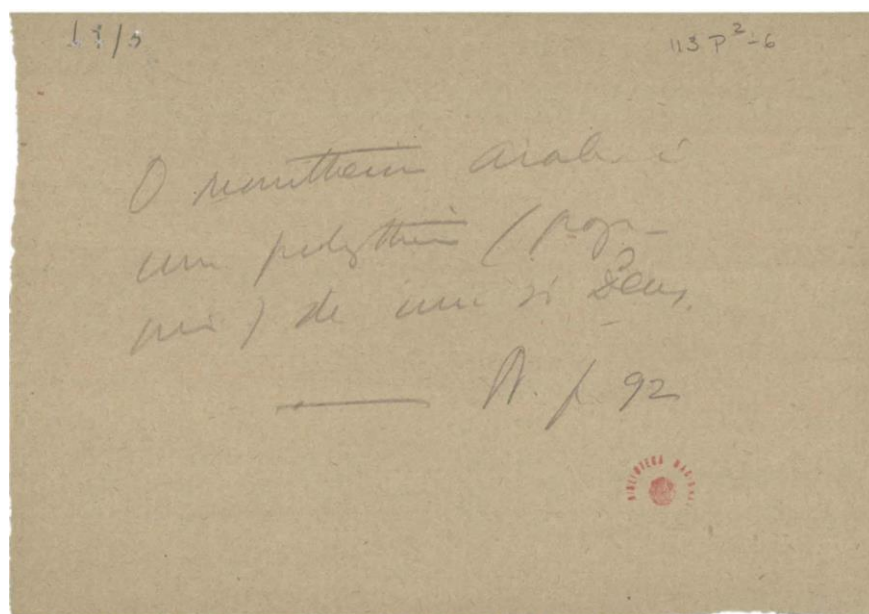


Fig. 4. CFP, 1-154

Evelyn Underhill, *Mysticism and War* (1915)

A minha hipótese é que Fernando Pessoa leu *Sketches from Eastern History* antes de 4 de Setembro de 1916 e talvez não antes de 1915, se o tipo de assinatura referido corresponder a uma fase *intermédia* entre o assinar *com* acento circunflexo e o assinar *sem* acento circunflexo. Mas é só uma hipótese. Seja como for, e para ter presentes outros elementos, Pessoa refere-se directamente ao livro de Nöldeke num pequeno fragmento de papel que muito bem pode ter sido manuscrito entre 1915-1916 (ver Fig. 5). Iniro uma imagem desse documento e uma transcrição do texto revista por Patricio Ferrari. Note-se que “paganismo” surge como variante de “polytheismo”, e “deus” de “Deus”:

Fig. 5. BNP/E3, 113P²-6^r

Eis a transcrição e, a seguir, o fac-símile da página 92 de *Sketches from Eastern History*:

O monothéisme Arabe é
um polythéisme (paganismo)
de um só D[↑d]eus.

—— N[öldeke] p 92

to the opposite doctrine then generally prevalent. So also his successors, down to Mutawakkil, who reversed the condition of matters, and caused it to be taught that the Koran is increate.—Another controversy had reference to the divine attributes. The Koran in its unsophisticated anthropomorphism attributes human qualities to God throughout, speaks also of His hands, of the throne on which He sits, and so forth. The original Moslems took this up simply as it was written; but, later, many were stumbled by it, and sought to put such a construction on the passages as would secure for the Koran a purer conception of God. Some denied all divine attributes whatever, inasmuch as, being eternal equally with Himself, they would, if granted, necessarily destroy the divine unity, and establish a real polytheism. Many conceded only certain abstract qualities. On the other hand, some positively maintained the corporeity of God,—in other words, an anthropomorphism of the crassest kind, which even Mohammed would have rejected. The Mutazila maintained their dialectical superiority until Ash'ari (in the first third of the tenth century), who had been educated in their schools, took the dialectic method into the service of orthodoxy. It was he who created the system of orthodox dogmatic. Of course the later dogmatists did not in all points agree with him, and by some of them, on account of some remains of rationalism in his teaching, he was even regarded as heterodox. Since Ash'ari's time the commonly accepted doctrine on the three controverted points just mentioned has been:—(1) God produces the good as well as the evil deeds of man, although the latter has a certain measure of independence in his appropriation of them. (2) The Koran is eternal and increate. Some maintain this, indeed, only with regard to the original of the sacred book in heaven, but others hold it also of the words and letters of the book as it

Fig. 6. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 92

Na página 92 (ver Fig. 6) Nöldeke aborda três aspectos da teologia islâmica: (1) A questão do determinismo e do livre arbítrio; (2) a questão do Sagrado Alcorão ser criado ou increado; e (3) o simbolismo antropomórfico no Sagrado Alcorão. Pessoa sublinhou três frases relacionadas com a primeira e com a terceira

questões.¹² O poeta foi atraído por duas características – o antropomorfismo e o determinismo – que chamam a atenção para elementos do neo-paganismo português, ou seja o objectivismo (do qual vem a tendência psíquica para o exterior,¹³ para os corpos, neste caso humanos¹⁴) e o fatalismo, elemento recorrente na produção poético-filosófica *plural* de Pessoa.¹⁵ Comentando a interpretação de Nöldeke relativamente à teologia islâmica, e encontrando nela alguns elementos próprios do paganismo, Pessoa considerava a religião islâmica uma forma do paganismo. A curiosa afirmação de Pessoa sobre o “polytheismo de um só deus” também dialoga com as palavras de Nöldeke na mesma página (CFP, 9-54: 92) do livro deste: “Some denied all divine attributes whatever, inasmuch as, being eternal equally with Himself, they would, if granted, necessarily destroy the divine unity, and establish a real polytheism”.

Na página seguinte (ver Fig. 7) Pessoa continuou a sublinhar uma frase relativa ao antropomorfismo,¹⁶ característica que António Mora atribuiu ao sistema

¹² “The Koran in its unsophisticated anthropomorphism attributes human qualities to God throughout”; “some positively maintained the corporeity of God”; “God produces the good as well as the evil deeds of man” (CFP, 9-54: 92; ver Fig. 6).

¹³ Cf. “Somos objectivistas, é claro, quando applicamos aquellas faculdades do espirito que nos relacionam com a realidade externa; somos subjectivistas quando não empregamos essas faculdades, o que dá, pois que a paragem cerebral não existe na vida, a concentração sobre o nosso proprio espirito. As faculdades que agem sobre o exterior são, observação, pela qual conhecemos esse mundo, a atenção, por cuja applicação o conhecemos competentemente, e a vontade, pela qual agimos sobre elle. As faculdades que trabalham interiormente só são a imaginação, pela qual substituímos o exterior por um falso-exterior, cousas suppostas a cousas reaes; a meditação, pela qual substituímos pensamentos a cousas na atenção; e a inibição, pela qual nos impedimos de tomar contacto com o exterior” (BNP/E3, 21-12v; cf. Pessoa, 2002b: 178).

¹⁴ Cf. “Suppõem alguns que o paganismo é mais alegre que o Christianismo, outros que elle é mais humano. Ambas as supposições são falsas: [...]. O erro nasce, talvez, da grande atenção que o paganismo presta ao corpo humano, por uma parte; e, por outra parte, da insistencia das sociedades pagãs na vida civica. Mas a atenção dada ao corpo humano é tamsòmente um criterio objectivo, a atenção dada á unica certeza exterior humana que se possue” (BNP/E3, 21-49r; Pessoa, 2002b: 191-192); cf. “A philosophia é um antropomorphismo em todos os systemas; atribuir á Natureza as qualidades que nós temos” (BNP/E3, 22-3v; cf. Pessoa, 2002b: 321).

¹⁵ Cf. “[...] acima de tudo, pessoa impassivel, causa immovel e convicta, paira o *Destino*, superior ao bem e ao mal, extranho á Belleza e à Fealdade, além da Verdade e da Mentira” (BNP/E3, 21-6r; Pessoa, 2002b: 145-146); “O determinismo é apenas a timidez do fatalismo. Todas as civilizações scientificas — que são duas, a grega e a arabe — foram profundamente fatalistas. [...] A Grecia e os Arabes foram os maiores astrologos (porque dos Egypcios e dos Chaldeus sabemos apenas que o foram). A sciencia culmina na Astrologia. O auge da sciencia é o reconhecimento de que nada existe fora da lei: que tudo vive no Destino” (BNP/E3, 55D-77r; cf. Pessoa, 1980: 327-328, texto datado “1918?” pelos editores); “Um fatalismo metafisico com os nervos de toda a gente vibra em mim a cada momento” (BNP/E3, 71-43v; cf. Pessoa, 2002a: 241).

¹⁶ “[I]t is a matter of faith that He has hands and feet, sits on His throne, and so on, but it is profane curiosity to inquire as to how these things can be” (CFP, 9-54: 93; ver figura 7)

religioso “arabe” onde o antropomorfismo manifestaria o materialismo subjacente aos monoteísmos arabe e judeu.¹⁷

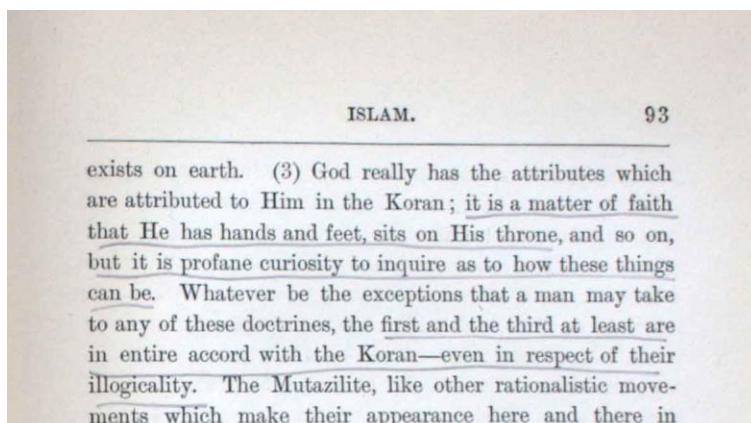


Fig. 7. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 93

Num texto de Mora de 1916, sobre a “emergencia do spirito arabe”, o monoteísmo “arabe” é implicitamente considerado como “elemento shemitico”, ou seja de matriz semítica antes do que judaica, cristã, árabe ou islâmica: “Não logrando absorver o elemento polytheista, presente nos santos, o mahometanismo limitou-se a carregar mais sombriamente o elemento shemitico. Passou, assim, para um segundo plano o elemento polytheista e o relativo objectivismo que trazia” (BNP/E3, 88-25^v; Pessoa, 2009: 225-226). O monoteísmo, segundo *este* António Mora, é então uma característica da religiosidade semítica. É significativo notar que esta é também a posição expressa por Nöldeke, numa passagem marcada, anotada e sublinhada por Pessoa em *Sketches from Eastern History* (ver Fig. 8).

The religion of the Semites is the first thing that demands our attention, and that not solely on account of the influence it has exerted on us in Europe. Renan is right in neglecting the beginnings of Semitic religion, and taking the results of their religious development and their tendency to monotheism as the really important thing. The complete victory of monotheism, it is true, was first achieved within historical times among the Israelites; but strong tendencies in the same direction appear also among the other Semitic peoples.

(CFP, 9-54: 5)

¹⁷ Cf. “O antropomorfismo exacto é um dos pillares do systema arabe” (BNP/E3, 26-3r; Pessoa, 2002b: 185); cf. “monotheismo materialista: judeus e arabes” (BNP/E3, 12B-6r; Pessoa, 2002b: 184).

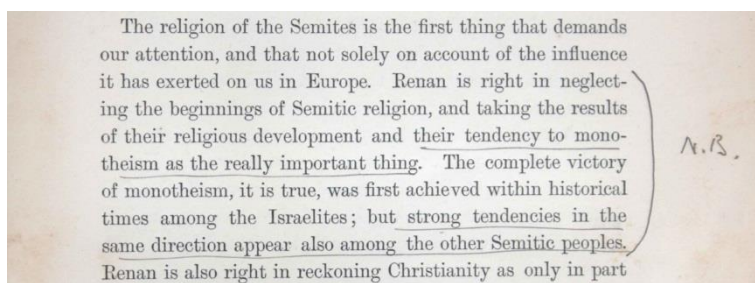


Fig. 8. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 5

Numa outra passagem, assinalada e sublinhada por Pessoa, Nöldeke descreve mais uma vez o monoteísmo islâmico como “genuine Semitic monotheism” (ver Fig. 9):

Everything is done and determined by God; man must submit himself blindly; whence the religion is called *Islām* (“surrender”), and its professor *Muslim* (“one who surrenders himself”). Mohammed had the strongest antipathy for the doctrines of the Trinity and the divine Sonship of Christ. True, his acquaintance with these dogmas was superficial, and even the clauses of the Creed that referred to them were not exactly known to him; but he rightly felt that it was quite impossible to bring them into harmony with simple genuine Semitic monotheism, and probably it was this consideration, alone that hindered him from embracing Christianity.

(CFP, 9-54: 62)

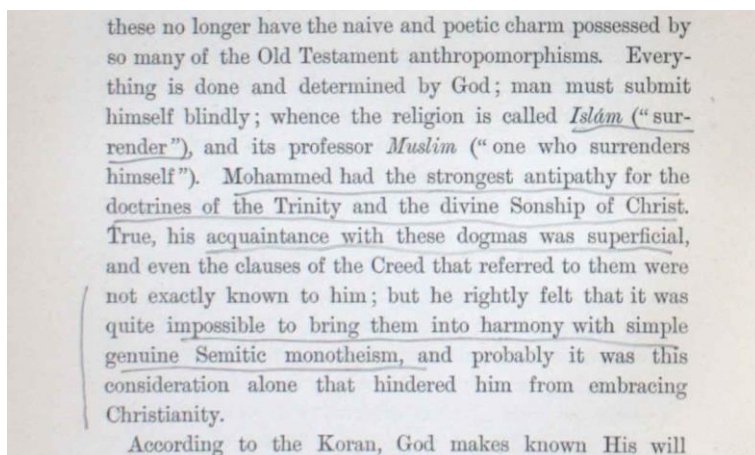


Fig. 9. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 62

Este último trecho é de muita importância para discutir outro elemento, também estritamente ligado ao *render-se* (“surrender”) perante o Divino, presente na interpretação de António Mora sobre a religiosidade arábico-islâmica. Trata-se do *fatalismo*, um elemento penetrante do pensamento pessoano (Cf. Pérez López, 2011) e nomeadamente da filosofia de Mora, que reconduz directamente o fatalismo neo-pagão ao pensamento grego: “O grego era essencialmente triste, como todos os grandes equilibrados, em quem é elemento psychico basilar a

consciencia da impermanencia, da fatalidade e da futilidade das cousas, [...] Procuremos ver as cousas claramente, não pondo ideias nossos adiante dos olhos, graves e tristes como convem a homens conscientes da fatalidade das cousas e da nossa transitoria pequenez dentro d'este grande e sereno Universo" (BNP/E3, 87-90^v e 91^v; cf. Pessoa, 2002b: 139-140; cf. Lopes, 1990: II, 347).

O fatalismo está também presente, segundo Mora, no "spirito arabe": "o arabe desenvolveu, a par de um subjectivismo ardente, um spirito de obediencia ao Destino, [...]. Levados assim a um conceito da vontade divina como *fatalidade*, os arabes introduziam no seu monotheismo um elemento de evidente origem objectivista" (BNP/E3, 88-24^v-25^r; Pessoa, 2009: 225).

Na opinião do filósofo neo-pagão, o fatalismo – cuja origem é o "objectivismo, base do spirito scientifico (grego)" – está ligado ao próprio "spirito scientifico grego, que foi missão dos arabes transmittir á Europa" (BNP/E3, 88-24^v e 24^r; Pessoa, 2009: 225). No neo-paganismo português então emergia novamente o spirito objectivista – cientista e fatalista – dos gregos, graças ao papel dos "arabes" enquanto transmissores da cultura grega para o ocidente (cf. Pessoa, 2009: 227). Num texto intitulado *Cinco Dialogos* revela-se ainda mais claramente a íntima ligação entre fatalismo e cientismo nas civilizações árabe e gregas: "Francisco: [...] O determinismo é apenas a timidez do fatalismo. Todas as civilizações scientificas – que são duas, a grega e a arabe – foram profundamente fatalistas. [...] A Grecia e os Arabes foram os maiores astrologos (porque dos Egypcios e dos Chaldeus sabemos apenas que o foram). A sciencia culmina na Astrologia. O auge da sciencia é o reconhecimento de que nada existe fora da lei: que tudo vive no Destino" (BNP/E3, 55D-76^r a 77^r; cf. Pessoa, 1980: 327-328; texto datado "1918?" pelos editores).

Se pesquisarmos este elemento fatalista na religião islâmica no *Sketches from Eastern History* de Nöldeke, veremos que na p. 90 Pessoa deixa um comentário lateral a uma passagem onde o orientalista alemão interpreta a doutrina islâmica como sendo *determinista*. Sendo que, em textos pessoanos, os árabes são considerados *fatalistas*, e que o determinismo é julgado ser "apenas a timidez do fatalismo", não surpreende que Pessoa tenha sublinhado este texto de Nöldeke, escrevendo "fatalism" na margem da folha: "The Koran, generally speaking, teaches a rather crass determinism. According to the Koran, God is the author of everything, including the dispositions of men; He guides whom He wills, and leads into error whom He wills" (ver Fig. 10).

fatalism

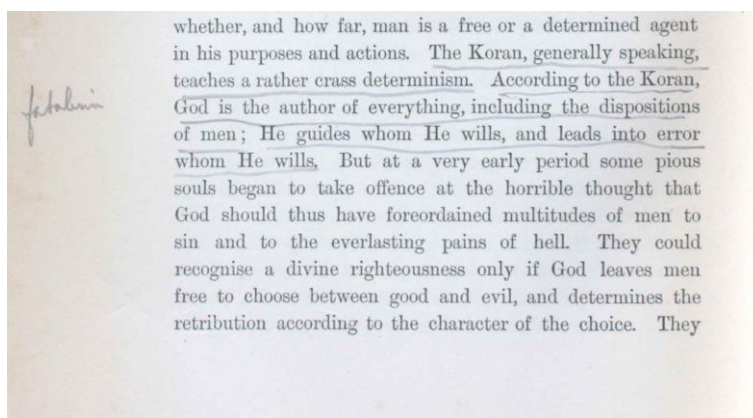


Fig. 10. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 90

As correspondências intertextuais entre os documentos mostrados são indícios que permitem colocar a hipótese segundo a qual a leitura de *Sketches from Eastern History* (CFP, 9-54) e a elaboração do texto de Mora sobre a “emergencia do espírito arabe” (BNP/E3, 88-24 a 27) de 1916 tenham ocorrido no mesmo período. Isto também iria confirmar a minha hipótese inicial relativa à datação da leitura de *Sketches from Eastern History* por Pessoa (ver *supra*). Neste sentido, é possível que o pequeno apontamento já citado (“O monoteísmo Árabe [...]”) também seja datável de cerca de 1916. Mesmo assim, duvido que o filósofo neo-pagão, António Mora, pudesse considerar um monoteísmo (semítico) também como forma de paganismo. Mora de facto considera a religião “arabe” como uma mistura entre subjectivismo e objectivismo (cf. BNP/E3, 88-24 e 25^v; Pessoa, 2009: 225-226) e portanto dificilmente poderia considerá-la uma forma de paganismo e até de politeísmo, sendo que segundo Mora o politeísmo pagão (grego) é a “origem verdadeira do objectivismo” (BNP/E3, 88-27^v; Pessoa, 2009: 227) (portanto do paganismo) e que no monoteísmo “mahometano” tenha passado “para um segundo plano o elemento polytheista e o relativo objectivismo que trazia” (BNP/E3, 88-25^v; Pessoa, 2009: 226).

Evidencia-se, nas palavras de Mora, que o aspecto do *Islão* que mais poderia ser comparado com o fatalismo (e provavelmente com o fatalismo pessoano)¹⁸ é sem dúvida a *submissão a Deus* e à Sua vontade, pois um dos pilares da fé islâmica é precisamente a “crença na predestinação de todas as coisas e acontecimentos (*qada*) e no mandamento de Deus” (Saeed, 2007: 16). De facto, quando Mora fala nos árabes e no seu espírito de “obediencia ao Destino” e de “absoluta subordinação ao divino”, o autor provavelmente está a dar uma sua interpretação da palavra ‘*islām*’ (‘Islão’) que, como mostrei antes, Nöldeke traduz assim num fragmento parcialmente sublinhado por Pessoa: “*Islām* (‘surrender’), and its professor *Muslim* (‘one who surrenders himself’)” (CFP, 9-54: 62). De facto ‘*islām* quer dizer *rendição*

18 Cf. “[...] O dado e o feito, ambos os dá o Fado. [...] / [...] / Suposto, o Fado que chamamos Deus [...]” (BNP/E3, 119-29^r; Pessoa, 2001: 89; texto de 14/08/1925).

e submissão a Deus (cf. Perego, 1998: 114-115). Pessoa seguramente se interessou-se no significado desta palavra, que dificilmente se encontra nos textos pessoanos.

Numa folha inventariada entre os documentos que preservam os textos dedicados à questão ibérica, Pessoa menciona a palavra “Islam” (ver Fig. 11) pouco depois de se referir à “despersonalização da Iberia. (sobretudo pelo catholicismo)” (BNP/E3, 97-8^r a 9^v):

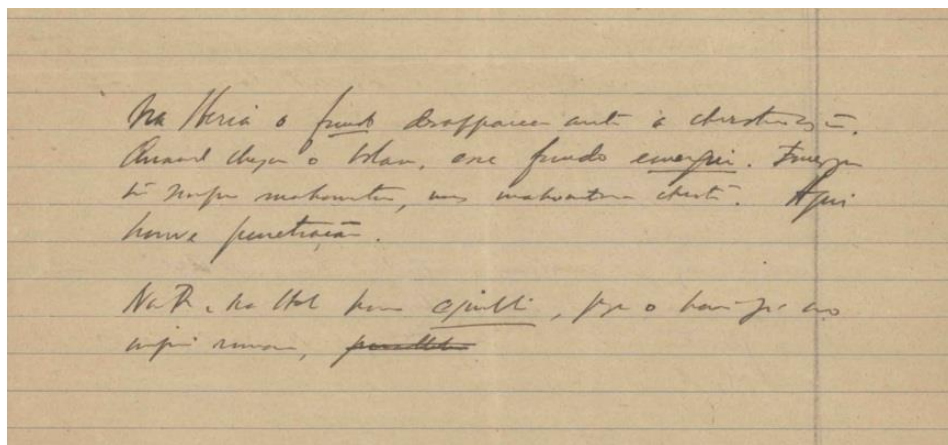


Fig. 11. BNP/E3, 97-9^v (pormenor)

Na Iberia o *fundo* desapareceu ante a christianisação. Quando chegou o Islam, esse fundo *emergiu*. Emergiu não sempre mahometano, mas mahometano-christão. Aqui houve penetração.

Na Fr[ança] e na Ital[ia] houve *equilibrio*, porque o havia já no imperio romano, □

Talvez aqui Pessoa fale do *fundo* psíquico e civilizacional comum aos povos ibéricos, e da inter-*penetração* cultural entre os povos da península sob a influência arábico-islâmica? Estes temas, de facto, são recorrentes quer nos textos ortónimos sobre o grupo civilizacional ibérico quer nas passagens de Mora sobre o “*spirito arabe*”.¹⁹ Seja como for, Pessoa provavelmente reflectiu sobre o significado da palavra ‘*islām*’ também lendo outros livros, além da obra de Nöldeke, tal como por exemplo *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* de Thomas Carlyle (ver Fig. 12).

‘*Allah akbar, God is great;*’ – and then also ‘*Islam,*’ That we must submit to God. That our whole strength lies in resigned submission to Him, whatsoever He do to us. For this world,

19 Cf. por exemplo: “Dissemos que a *synthese* cultural iberica devia nascer da conjugação de trez elementos, ou attitudes. Baseia-se no nosso comum character iberico, e esse é o fundo ibero-romano-arabe da nossa personalidade *psychica* comum” (BNP/E3, 97-25^r, Pessoa, 1980: 178); cf. “O primeiro período da nossa historia comum, de ibericos, é aquella em que a fusão conserva presentes os dois elementos componentes. Assim, ao conjuncto subjectivismo catholico-arabe se ligava o objectivismo arabe, sendo o unico elemento postergado o do polytheismo immanente na parte pagan do christismo catholico. Foi o periodo das descobertas, onde o impulso scientifico, nado da ingerencia arabe, orientou a alma do Infante” (BNP/E3, 88-25^v-26^r; Pessoa, 2009: 226).

and for the other! The thing He sends to us, were it death and worse than death, shall be good, shall be best; we resign ourselves to God. – ‘If this be *Islam*,’ says Goethe, ‘do we not all live in *Islam*?’ Yes, all of us that have any moral life; we all live so. It has ever been held the highest wisdom for a man not merely to submit to Necessity, – Necessity will make him submit, – but to know and believe well that the stern thing which Necessity had ordered was the wisest, the best, the thing wanted there.

(CFP, 8-89: 52)

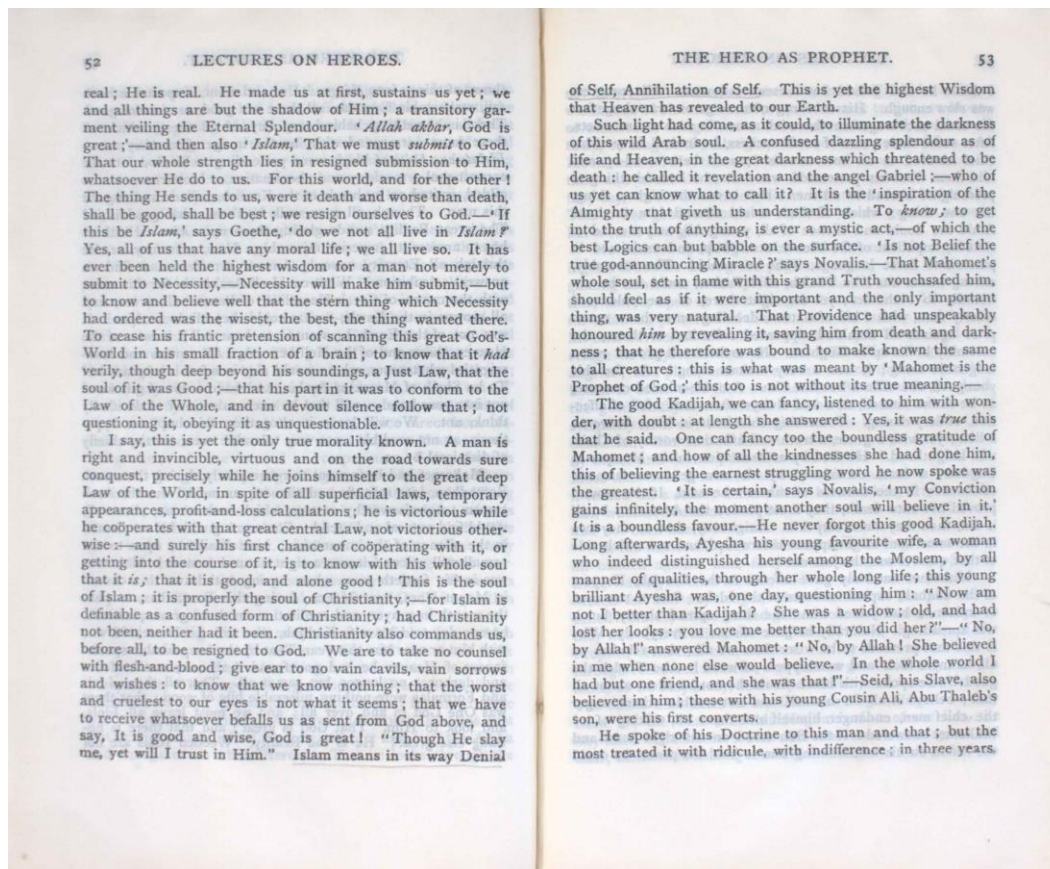


Fig. 12. CFP, 8-89

Thomas Carlyle, *On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History* (1903), pp. 52-53

A atenção de Carlyle pela *Necessidade* – termo ligado à filosofia do determinismo e do fatalismo – esclarece o interesse de Pessoa por este texto, onde foi sublinhada a frase “Islam means in its way Denial of Self, Annihilation of Self” (ver Fig. 12), afirmação que lembra os textos dos Sufis sobre a experiência do *fanā’*, (‘extinção’, ou *fanā’ fi Allāh*, ‘extinção em Deus’), tal como uma prece escrita por Pessoa e datada “1912?” pelos editores: “Senhor, protege-me e ampara-me. Dá-me que eu me sinta teu. Senhor, livra-me de mim” (BNP/E3, 20-48^v; Pessoa, 1996: 62).²⁰

20 Cf. “You will experience *fana* (annihilation). You will vanish, and He will appear in you. Those are the people about who the Prophet said, “When you look to them, you look to Allah”, (Nazim Adil Al-Haqqani, 2004: 78).

Mais uma passagem de Nöldeke, ao lado da qual Pessoa deixou um traço a lápis, remete para o interesse do poeta pelo fatalismo e pela “absoluta subordinação ao divino” dos “arabes”: “There is nothing in this at variance with Mohammed's idea of God. God is to him an absolute despot, who declares a thing right or wrong from no inherent necessity, but by His arbitrary fiat” (ver Fig. 13).

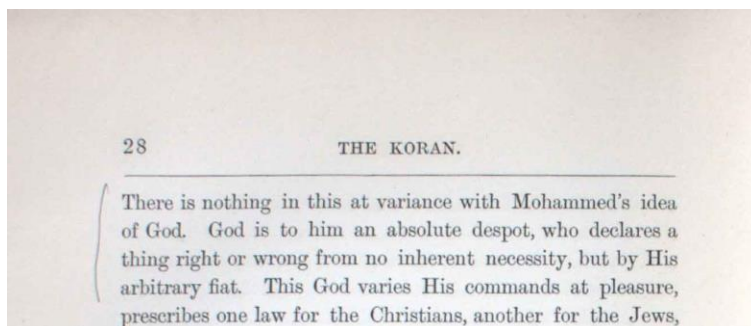


Fig. 13. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 28

Um dos intelectuais islâmicos que tentaram reflectir sobre a posição do homem perante a predestinação e a Onnipotência Divina é Omar Khayyām, o sábio persa ao qual Fernando Pessoa dedicou muita atenção e interesse ao longo de décadas. Por exemplo, a relação entre fatalismo e simbolismo antropomórfico que atraiu Pessoa no livro Nöldeke (por volta de 1916), reaparece nas traduções inglesas das *Rubā'īyyāt* de Khayyām, uma obra que tanto atraiu Pessoa sobretudo a partir de 1926 (cf. Pessoa, 2008):

The Moving Finger writes; and, having writ,
Moves on: nor all your Piety nor Wit
Shall lure it back to cancel half a Line,
Nor all your Tears wash out a Word of it.

(CFP, 8-296: 210)

Pessoa traduziu para português este poema:

O dedo mobil escreve, e, tendo scripto,
O que escreve prossegue, nem ha grito
De fé ou dor que o faça dar emenda
Nem volta atraz a ver o que foi dicto

(Pessoa, 2008: 66)

Este poema de Khayyām também aparece na epígrafe do livro *The "Reason Why" in Astrology or Philosophy and First Principles* de H. S. Green (ver Fig. 14), volume lido com uma certa atenção por Pessoa, dados os muitos sublinhados deixados por ele no exemplar. Encontra-se aqui uma ligação directa entre Khayyām, o fatalismo, o antropomorfismo e a astrologia, ciência na qual os

“arabes” e os gregos terão sido “os maiores” conhecedores, enquanto povos profundamente fatalistas, segundo uma personagem literária que aparece num texto pessoano intitulado *Cinco Dialogos* (cf. *supra*).

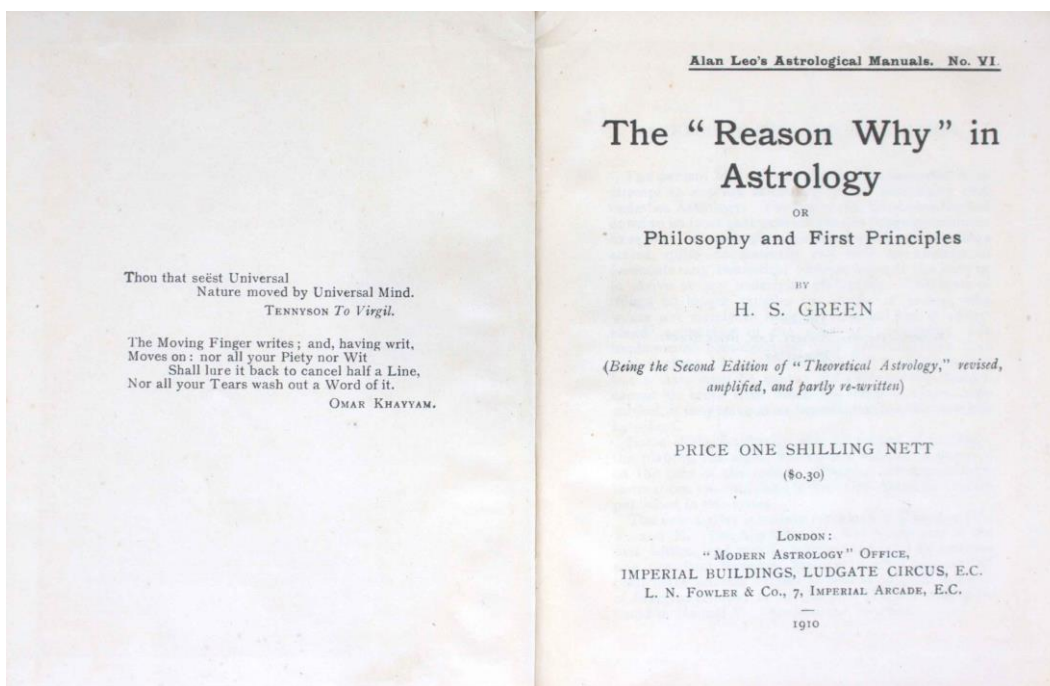


Fig. 14. CFP, 1-63:

H. S. Green, *The "Reason Why" in Astrology or Philosophy and First Principles* (1910)

Outro povo, o da Índia, é caracterizado segundo Mora por uma religiosidade diferente: “o arabe desenvolveu, a par de um subjectivismo ardente, um espirito de obediencia ao Destino, um sentimento, não de absorção no divino, como na India, mas de absoluta subordinação ao divino. Neste fragmento Mora fala no “sentimento de absorção no divino” (BNP/E3, 88-24^v-25^r; Pessoa, 2009: 225) como sendo característico da espiritualidade e da religiosidade da Índia. O filósofo descreve as espiritualidades “na India” e “arabe”, como se tivessem peculiaridades opostas. Sendo a espiritualidade “arabe” caracterizada pelo sentimento fatalista, portanto objectivista, de “obediencia ao Destino”, é necessário considerar que a espiritualidade indiana seja, segundo Mora, subjectivista. Isto seria coerente com alguns apontamentos pessoanos onde o “Hinduismo” está associado ao “Sensacionismo puro” (BNP/E3, 48D-12^r, Pessoa, 2009: 150). De facto o sensacionismo, segundo Mora, é uma corrente subjectivista, porque rejeita o “elemento pagão”, ou seja “o objectivismo portador do espirito hellenico” (BNP/E3, 88-19^r; Pessoa, 2009: 222). Voltamos agora ao diálogo entre *Pessoa-leitor* e *Pessoa-escriptor*. É interessante notar que Pessoa deixou um traço lateral a lápis ao lado duma frase onde Nöldeke fala de “dreamy Hindoos” (CFP, 8-54: 16), pois segundo Mora a imaginação (o sonho) é parte do subjectivismo que anima tanto o

“espírito árabe” tal como o sencianismo, aliás baptizado de “arabismo” pelo filósofo neo-pagão (BNP/E3, 88-20^r; Pessoa, 2009: 222).

Além disso, convém concentrar-se sobre o “sentimento de absorção no divino” dos povos da Índia, que Pessoa terá encontrado em *Sketches from Eastern History*, deixando um traço lateral na página 96, numa passagem onde Nöldeke fala da influência indiana e persa no misticismo islâmico (Sufismo): “But subsequently Persian and Indian ideas became associated with this mysticism. The Sufis sought to submerge themselves in God, and arrived at the Indian conception of the All-One, which is irreconcilable with Islam” (ver Fig. 15).

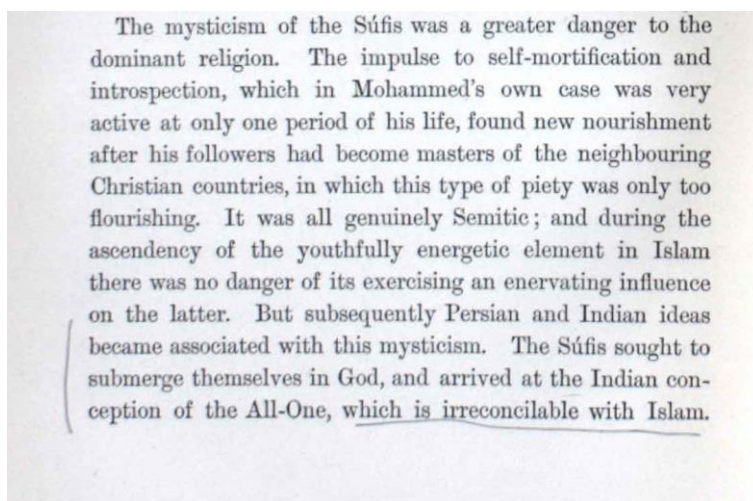


Fig. 15. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 96

Nöldeke julga que o Sufismo contém ideias indianas, como a intenção do místico para se submergir em Deus, sendo Deus aqui – pelos Indianos tal como pelos Sufis – a Absoluta Unidade. Parece-me muito provável que, em relação à religiosidade da “Índia”, a expressão “submerge themselves in God” de Nöldeke ecoe na “absorção no Divino” da qual fala António Mora. Este tema chama novamente a atenção sobre o tema do *fanā’* no Sufismo e também sobre outras leituras de Pessoa, além da óbvia referência ao livro de Carlyle do que já me ocupei antes, como por exemplo *Les Littératures de l’Inde: sanscrit, pâli, prâcrit* de Victor Henry, de 1904, onde Pessoa leu e sublinhou “Rien n’est; l’Un est Tout” (ver Fig. 16).

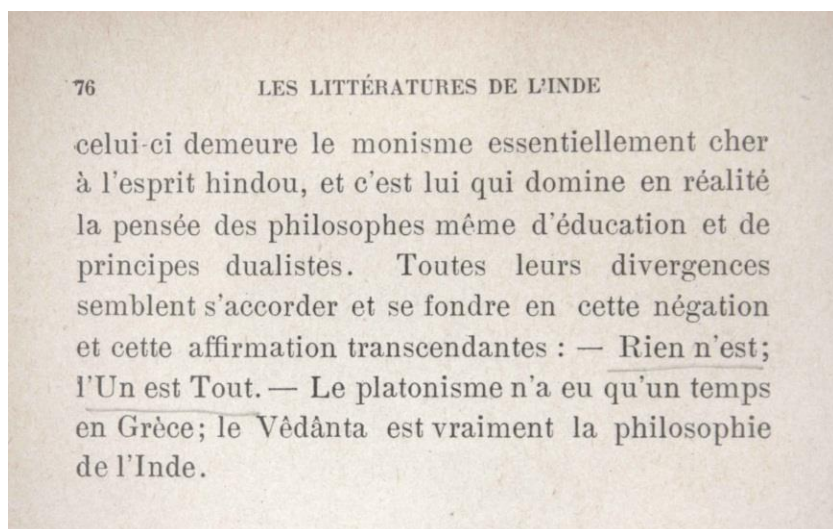


Fig. 16. CFP, 8-250

Victor Henry, *Les Littératures de l'Inde: sanscrit, pâli, prâcrit* (1904), p. 76

No que diz respeito ao misticismo islâmico (ou Sufismo), é interessante notar que Nöldeke, na sua interpretação, separe o Sufismo do Islão, ideia esta criticada pelos Sufis, sobretudo acerca da atitude destes ante os “Orientalistas Ocidentais”,²¹ categoria à qual, segundo Said (1979: 209), pertence Nöldeke. Até hoje não consta que Mora ou Pessoa falem explicitamente de Sufismo, todavia parece que a poesia Sufi fosse um interesse bibliográfico de Pessoa provavelmente entre 1926 e 1935, quando a leitura de Rūmī e Hāfiz, entre outros poetas sufis da Pérsia, acompanhava os estudos de Pessoa sobre Omar Khayyām, cuja relação com o Sufismo é debatida em livros lidos por Pessoa (*cf.* CFP, 8-296: 179, 187; CFP, 8-662 MN: 33).²²

Voltando ao tema principal do presente artigo, a última parte deste breve estudo é dedicada às correspondências intertextuais entre Pessoa e Nöldeke relativamente a tema relacionados com o sensacionismo. Segundo Mora, as características do *sensacionismo-arabismo* que “revelam a psyche arabe” são: “O entusiasmo de imaginação, a sensualidade intelectual da meditação e do misticismo, o esmiuçamento de sensações e de idéas” junto à “vantagem typica do spirito arabe: a universal curiosidade activa, com que acceitam as influencias de todas as bandas, lhes aprofundam o sentido, lhes reúnem os resultados e finalmente as transformam na substancia do seu proprio spirito” (BNP/E3, 88-20; Pessoa, 2009: 223). Esta última característica remete para um elemento central da

21 Cf. “There are people amongst Muslims who give due importance to Sufism while there are also Muslims who condemn it outright as a foreign importation into Islam. In this connection there have been two contributory causes. One cause is due to the works of Western Orientalists and some modern Islamic scholars whose role has been and is even now to misguide the muslims with their flair for scholarship” ([Kabbani], [s.d.]: 2).

22 A ligação entre Pérsia, Índia e cultura islâmica reaparece também num trecho onde Pessoa compara as figuras de Khayyām e de Buda (BNP/E3, 14C-42r; Pessoa, 2008: 76).

estética e do pensamento sensacionista: a capacidade de síntese universalista entre elementos literários, filosóficos, culturais.²³ Como escreve Jerónimo Pizarro: “Pessoa não precisava de romper com a tradição; visava a síntese, não a ruptura” (Pessoa, 2009: 141). De facto Mora está a comentar uma característica do sensacionismo que alguns autores atribuem à civilização arábico-islâmica, ou seja a capacidade de síntese entre diferentes culturas e diferentes saberes (cf. Jevolella, 2005: 53-54; Aruffo, 2007: 22). A revelação islâmica segundo alguns comentadores caracteriza-se por ser sintética e integrante em relação às revelações anteriores, reconhecidas dentro de uma Mensagem única e coerente (cf. Nasr, 1972: 130; cf. Jevolella, 2005: 53-54). Em particular é possível que na península ibérica, durante a Idade Média, a presença islâmica tenha permitido a instauração de um clima de diálogo inter-religioso e inter-cultural²⁴ que Fernando Pessoa celebrava recordando a “nossa grande tradição arabe — de tolerancia e de livre civilização. E é na proporção em que formos os mantenedores do spirito arabe na Europa que teremos uma individualidade à parte” (BNP/E3, 97-13^r; cf. Pessoa, 1980: 164-165).²⁵

Segundo Pessoa a originalidade está na capacidade de síntese, e provavelmente mesmo por isto o poeta-pensador sublinhou, lendo o comentário de Nöldeke à tradução do primeiro capítulo (*sūrah*) do Sagrado Alcorão (*al-Fâtihah*):²⁶ “there is not a single original idea of Mohammed's in it” (ver Fig. 17).

23 “The Portuguese Sensacionists are original and interesting because, being strictly Portuguese, they are cosmopolitan and universal. The Portuguese temperament is universal: that is its magnificent superiority. The one great act of Portuguese history – that long, cautious, scientific period of the Discoveries – is the great cosmopolitan act in history. The whole people stamp themselves there. [...] Because the great fact about the Portuguese is that they are the most civilised people in Europe. They are born civilised, because they are born acceptors of all. [...] they have a positive love of novelty and change. [...] “Orpheu” is the sum and synthesis of all modern literary movements; [...]. Each number adds a new interests to this marvellous synthetic movement” (Pessoa, 2009: 218-220).

24 Cf. “Não é por acaso que o rei Alfonso o Sábio baseou no Alcorão a sua política de tolerância religiosa”. A tradução para português é minha, a partir de: “Non a caso, il sovrano Alfonso il Saggio (XII secolo) fondò sul Corano la sua politica di tolleranza religiosa” (Aruffo, 2007: 26).

25 Cf. “Vinguemos a derrota que os do Norte infligiram aos arabes nossos maiores. Expiemos o crime que commetemos, expulsando da península [peninsular *no original*] os arabes que a civilizaram” (BNP/E3, 97-15^r e 16^r; cf. Pessoa, 1980: 167); cf. “Judeus e Mouros, raças inteligentes, industriosas, a quem a indústria e o pensamento peninsulares tanto deveram, e cuja expulsão tem quase as proporções duma calamidade nacional” (Quental, 2001: 34). Neste discurso dado por Antero de Quental em 1871, os “Mouros” são considerados “uma das glórias da península” (Quental, 2001: p. 18). J. Pizarro chamou a atenção sobre este texto (Pessoa, 2009: 222), sugerindo de lê-lo “produtivamente em diálogo” com outros textos de Pessoa que tratam da civilização arábico-islâmica.

26 Eis uma tradução (/interpretação) de *al-Fâtihah* ('A Abertura') para português: “Em nome de Deus, o Clemente, o Misericordioso / Louvado seja Deus, o Senhor dos mundos, / O Clemente, o Misericordioso, / O Soberano do Dia do Julgamento. / A Ti somente adoramos. Somente de Ti imploramos socorro. / Guia-nos na senda da retidão, / A senda dos que favoreceste, não dos que incorrem na Tua ira, nem dos que estão desencaminhados” (*O Alcorão. Livro Sagrado do Islã*: 29).

Pessoa, desta forma, provavelmente encontrava uma confirmação do carácter sintético da revelação e da civilização arábico-islâmica. Aliás, numa outra página Pessoa sublinhou também: “In the several heads of Mohammed's doctrine there is practically nothing original” (CFP, 9-54: 61).

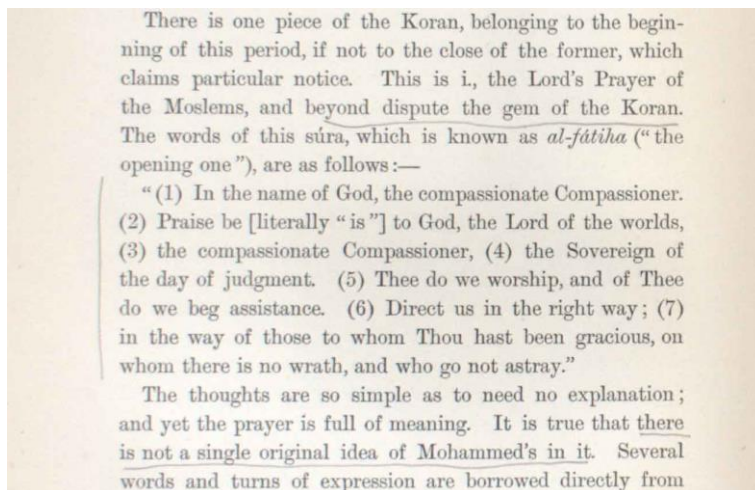


Fig. 17. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 44

No que diz respeito à característica do “entusiasmo de imaginação”, presente no *sensacionismo-arabismo*, Pessoa deixou um traço a lápis ao lado duma passagem onde Nöldeke escreve que a imaginação tem um papel específico na revelação islâmica: “An unprejudiced and critical reader will certainly find very few passages where his aesthetic susceptibilities are thoroughly satisfied. But he will often be struck, especially in the older pieces, by a wild force of passion, and a vigorous, if not rich, imagination” (CFP, 9-54: 32; ver figura 18).

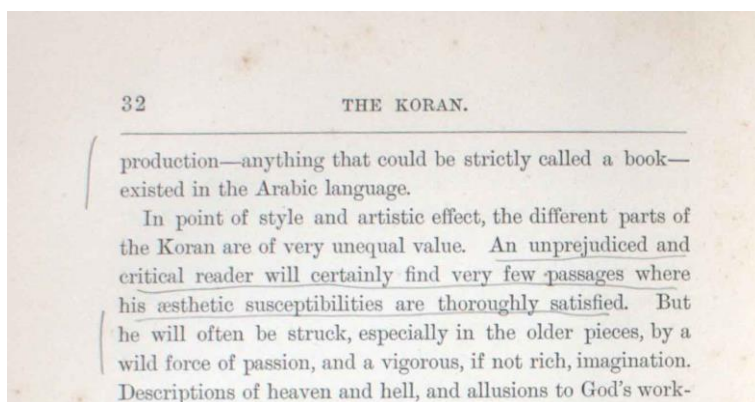


Fig. 18. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 32

Ecoam aqui as palavras de Mora enquanto fala em “subjectivismo ardente” dos “arabes” e na sua tendência para o “sonho excessivo” (BNP/E3, 88-24^v; Pessoa, 2009: 225). Outro texto de Pessoa contém estas considerações: “A synthese iberica é

inimiga da cultura franceza porque a lucidez superficial do francez se não pode casar com os elementos arabes, profundos e intensos, da nossa personalidade psychica, com o elemento sonhador, colorido, incendiado, do nosso arabismo nativo hoje” (BNP/E3, 97-25^r; cf. Pessoa, 1980: 178).

A correspondência intertextual parece clara também e sobretudo num outro texto onde Mora escreve que no psiquismo árabe “as qualidades de imaginação /pre/dominam soberanas” (BNP/E3, 88-22^v; cf. Pessoa, 2009: 224). Neste escrito encontra-se uma consideração sobre a religiosidade árabe pré-islâmica: “Os arabes tinham, [...], uma extensa e complicada mythologia do maravilhoso, [...], onde os genios, e as presenças menores □ tinham parte predominante” (BNP/E3, 88-22^r; cf. Pessoa, 2009: 224). É possível que Pessoa aqui dialogue intencionalmente com uma passagem onde Nöldeke fala na religiosidade popular árabe pré-islâmica, pois o poeta de facto sublinhou: “The Koran has, of course, much to say of angels and devils. Alongside of these figure also demons or jinn, taken from Arab popular belief, but connected also with late Jewish notions” (ver Fig. 19).

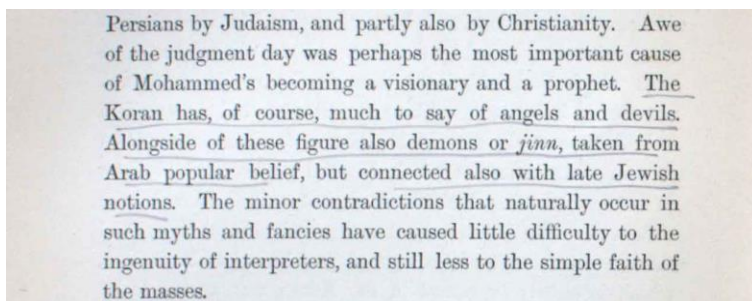


Fig. 19. CFP, 9-54

Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History* (1892), p. 64

Conclusões

À luz dos documentos aqui mostrados e lidos numa proposta de diálogo intertextual, é muito provável que a leitura de Theodor Nöldeke, *Sketches from Eastern History*, tenha acompanhado a produção de vários textos pessoanos, do ortónimo tal como de António Mora, sobre a civilização arábico-islâmica. Nalguns casos esta leitura parece ter sido uma directa fonte de inspiração – ou pelo menos uma referência crítica – na escrita plural pessoana sobre sensacionismo e neo-paganismo, mas é também possível que, por vezes, tenha sido a escrita a orientar e influenciar a leitura e a reflexão do leitor.

A expressão *reading-writer*, utilizada por Ferrari (2011: 25-26) para indicar “the writer using the material read for the creation of a new text”, parece mais uma vez apropriada para descrever Pessoa na sua actividade de escritor que alimentou a sua reflexão através da íntima relação com os livros da sua biblioteca particular. Longe de ser uma mera questão de influências recebidas passivamente pelo autor, esta atitude é uma complexa aventura *poietica* plural, um diálogo entre leitura e

escrita que surge frequentemente ao longo do espólio como elemento constitutivo da obra e da vida de Pessoa. Na complexidade deste diálogo, leitura e escrita provavelmente influenciaram-se reciprocamente ao longo do tempo.

Enfim, o caso de *Pessoa-leitor-de-Nöldeke*, considerada a presença de *marginalia* e explícitos comentários relativos a filosofia e religião, parece confirmar que a ligação entre *Pessoa-leitor* e *Pessoa-escritor* constitui um tema cujo estudo é útil para investigar criticamente a literatura de Pessoa, os percursos da sua inspiração filosófica e ainda a posição biográfico-intelectual do autor dentro do contexto histórico-cultural. Estas poderão ser, eventualmente, macro áreas de desenvolvimento deste estudo.

Bibliografia

- ARUFFO, Alessandro (2007). *L'Europa e le sue radici islamiche*. Roma: Datanews.
- BOSCAGLIA, Fabrizio (2012). *Considerações sobre a Presença do Elemento Árabe-islâmico no Sensacionismo e no Neo-paganismo de Fernando Pessoa*. Vale d'Infante: Al-Barzakh.
- CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando (1945). *Cartas de Fernando Pessoa a Côrtes-Rodrigues*. Lisboa: Confluência.
- FERRARI, Patricio (2011). "On the Margins of Fernando Pessoa's Private Library. A Reassessment of the Role of Marginalia in the Creation and Development of the Pre-heteronyms and in Caeiro's Literary Production", in *Luso-Brazilian Review*, vol. 48, n.º 2, pp. 23-71.
- GALOPPINI, Enrico (2008). *Islamofobia. Attori, Tattiche, Finalità*. Parma: All'insegna del Veltro.
- JEVOLELLA, Massimo (2005). *Le Radici Islamiche dell'Europa*. Milano: Boroli.
- [KABBANI, Sheikh Adnan] [s.d.]. *Haqiqat ul Haqqani. Realisation of Reality*. [sem informações editoriais].
- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por Conhecer, II. Textos para um Novo Mapa*. Lisboa: Estampa.
- NASR, Seyyed Hossein (1972). *Sufi Essays*. New York: State University of New York Press.
- NAZIM ADIL AL-HAQQANI, Shaykh Muhammad (2004). *The Path to Spiritual Excellence*. Foreword by Shaykh Muhammad Hisham Kabbani. Fenton: Islamic Supreme Council of America. "Sufi Wisdom Series".
- NÖLDEKE, Theodor (1860). *Geschichte des Qorans*. Göttingen: Verlag der Dieterichschen Buchhandlung.
- PEREGO, Marcello (1998). *Le Parole del Sufismo. Dizionario della Spiritualità Islamica*. Milano: Mimesis.
- PÉREZ LÓPEZ, Pablo Javier (2011). "Historia y Destino: el fatalismo como identidad nacional lusa", in *Diacronie, Studi di Storia Contemporanea*, n.º 8, <http://www.studistorici.com>.
- PESSOA, Fernando (2009). *Sensacionismo e Outros Ismos*. Edição de Jeronimo Pizarro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. X. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2008). *Rubaiyat*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2002a). *Álvaro de Campos – Poesia*. Edição Teresa Rita Lopes. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ____ (2002b). *Obras de António Mora*. Edição de Luís Filipe B. Texeira. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. VI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2001). *Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930*. Edição de Ivo Castro. Edição Crítica de Fernando Pessoa, série maior, vol. I, t. III. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1996). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ____ (1980). *Ultimatum e Páginas de Sociologia Política*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão; introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- ____ (1978). *Sobre Portugal. Introdução ao Problema Nacional*. Recolha de textos de Isabel Rocheta e Paula Morão; introdução e organização de Joel Serrão. Lisboa: Ática.
- O Alcorão. Livro Sagrado do Islã*. Tradução de Mansour Challita. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.
- PIZARRO, Jerónimo, FERRARI, Patricio e CARDIELLO, Antonio (2011). "Os Orientes de Fernando Pessoa", in *Revista Cultura Entre Culturas*, n.º 3, pp. 148-185.
- ____ (2010). *A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa. Fernando Pessoa's Private Library*. Lisboa: D. Quixote. "Acervo Casa Fernando Pessoa / House of Fernando Pessoa's Collection", vol. I.
- QUENTAL, Antero de (2001). *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Lisboa: Ulmeiro.
- SAEED, Abdullah (2007). *Introdução ao Pensamento Islâmico*. Tradução de Marcelo Felix. Lisboa: 70.
- SAID, Edward W. (1979). *Orientalism*. New York: Vintage Books.

Livros pertencentes à Biblioteca particular de Fernando Pessoa (CFP)

- BROWNE, Edward [1925]. *Edward G. Browne (Poems from the Persian)*. London: Ernest Benn. "The Augustan Books of English Poetry, second series, number ten". (CFP, 8-71).
- CARLYLE, Thomas (1903). *Sartor Resartus; On Heroes, Hero-Worship and the Heroic in History; Past and present*, London: Chapman & Hall, Ltd (CFP, 8-89).
- GREEN, H. S. (1910). *The "Reason Why" in Astrology or Philosophy and First Principles*. London: "Modern Astrology" Office. 2nd ed. of Theoretical Astrology, revised, amplified, and partly re-written. "Alan Leo's astrological manuals, n.º 6" (CFP, 1-63).
- HENRY, Victor (1904). *Les Littératures de l'Inde: sanscrit, pâli, prâcrit*. Paris: Librairie Hachette & Cie (CFP, 8-250).
- KHAYYAM, Omar (1910). *Rubáiyát of Omar Khayyám*. The astronomer poet of Persia rendered into English verse by Edward Fitzgerald. Leipzig: Bernhard Tauchnitz. "Collection of British and American Authors, n.º 4231" (CFP, 8-296).
- NÖLDEKE, Theodor (1892). *Sketches from Eastern History*. Translated by John Sutherland Black. London and Edinburgh: Adam and Charles Black (CFP, 9-54).
- WEIR, Thomas Hunter (1926). *Omar Khayyám The Poet (The Wisdom of the East Series)*. London: John Murray (CFP, 8-662 MN).